INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as representações das favelas do Rio de Janeiro veiculadas nos jornais buscando observar de que maneira o foco narrativo, sustentado pela seleção de fatos e por versões parciais dos acontecimentos, atua na construção e no fortalecimento de um imaginário social acerca da favela e de seus moradores. Parte-se da hipótese de que tais representações são produzidas por meio de discursos marcados por deduções, generalizações e pela espetacularização da violência, contribuindo historicamente para a marginalização do favelado desde o início do século XX.

A relevância do estudo reside na necessidade de compreender o papel da mídia na consolidação de estigmas sociais e na naturalização de narrativas que associam as favelas à criminalidade e à desordem urbana. Ao investigar as origens históricas dessas representações, busca-se evidenciar como determinados discursos se perpetuam e influenciam a percepção social contemporânea acerca desses territórios e de seus habitantes.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Para compreender o processo de espetacularização e a formação do imaginário jornalístico sobre a favela, torna-se fundamental analisar a constituição dessas práticas discursivas desde o século XIX. Após a abolição da escravatura, em 1888, e a intensificação da imigração para o Brasil, a população brasileira apresentou crescimento significativo. Contudo, esse aumento populacional não foi acompanhado pela expansão de moradias populares, sobretudo aquelas acessíveis às camadas pobres e aos ex-escravizados. A ausência de políticas públicas habitacionais resultou na proliferação de habitações coletivas precárias, conhecidas como cortiços, localizadas principalmente na região central do Rio de Janeiro.

No final do século XIX, os cortiços passaram a ser alvo das ações modernizadoras da República. O discurso higienista, amplamente difundido pela imprensa e pelas autoridades públicas, associava essas moradias à disseminação de doenças e ao atraso social da cidade.

Tal interpretação desconsiderava fatores estruturais, como a ausência de saneamento básico e de políticas urbanas adequadas, e contribuía para a estigmatização dos moradores, frequentemente classificados como uma "classe perigosa", vinculada à criminalidade e à desordem social.

A demolição do cortiço Cabeça de Porco, em 1893, representou um marco simbólico nesse processo. Justificada pelo poder público em nome da higiene urbana, a ação desalojou cerca de duas mil pessoas e foi amplamente celebrada pela imprensa da época. Os jornais não apenas legitimaram a medida, como também exaltaram a figura do prefeito Cândido Barata Ribeiro, transformando a destruição do cortiço em um espetáculo discursivo que reforçava a associação entre moradia popular, sujeira e criminalidade.

As repercussões desse episódio evidenciam o papel central da mídia na construção de um imaginário social negativo acerca das habitações populares. Representações grotescas e metáforas mitológicas foram utilizadas para desumanizar os espaços e seus moradores, consolidando discursos que legitimavam ações de remoção e exclusão social. Esse processo discursivo contribuiu diretamente para a transição da era dos cortiços para o surgimento das favelas, marcando uma continuidade na marginalização das populações pobres.

A formação das favelas, especialmente a ocupação do Morro da Providência — posteriormente denominado Morro da Favela — por ex-combatentes da Guerra de Canudos, a partir de 1897, insere-se nesse contexto de exclusão habitacional. A utilização de materiais provenientes da demolição dos cortiços para a construção de moradias precárias nas encostas evidencia a ausência de alternativas habitacionais oferecidas pelo Estado. Posteriormente, a consolidação dessa ocupação foi acompanhada pela reprodução de discursos midiáticos que associavam as favelas à violência urbana. A análise de reportagens do início do século XX, como a publicada pelo Jornal Correio da Manhã em 1909, revela que a percepção da favela como espaço de criminalidade já estava profundamente enraizada no imaginário social. Desde esse período, os moradores das favelas passaram a ser sistematicamente representados como sujeitos

perigosos, reforçando estigmas que persistem ao longo do tempo. Dessa forma, os resultados da análise indicam que a espetacularização da violência e a seleção parcial dos fatos pela imprensa desempenharam papel fundamental na construção e manutenção de uma visão estigmatizada das favelas e de seus habitantes.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e documental, com base em fontes secundárias. O objetivo central consiste em compreender como se constroem as percepções sociais e o imaginário coletivo a partir das representações veiculadas nos meios de comunicação, especialmente nos jornais, bem como em produções literárias relacionadas ao tema estudado.

A pesquisa bibliográfica será realizada por meio do levantamento e da análise de livros, artigos científicos e produções acadêmicas que abordam a temática das favelas, da imprensa e da construção do imaginário social. Esse procedimento possibilita a elaboração de um referencial teórico consistente, capaz de sustentar a análise crítica proposta.

Paralelamente, a pesquisa documental utilizará jornais e outros materiais midiáticos como fontes de investigação, considerando-os instrumentos relevantes na produção e disseminação de discursos sociais. A análise dos dados terá caráter qualitativo, priorizando a interpretação das narrativas, dos conteúdos e das representações presentes nas fontes selecionadas. Serão realizadas observações sistemáticas da seleção de fatos, das versões apresentadas e dos elementos discursivos empregados pela mídia, buscando identificar padrões de estigmatização e espetacularização da violência.

CONCLUSÃO

A pesquisa permitiu compreender que as representações das favelas veiculadas pela imprensa não são construções recentes, mas resultam de um processo histórico iniciado ainda no final do século XIX, no contexto das políticas de combate aos cortiços.

A análise evidenciou que a mídia desempenhou papel central na consolidação de um imaginário social que associa as favelas à violência, à criminalidade e à desordem urbana, contribuindo para a marginalização simbólica e social de seus moradores.

Observou-se que a espetacularização da violência, aliada à seleção parcial dos acontecimentos e ao uso de discursos generalizantes, reforçou estigmas que legitimaram ações de exclusão e remoção das populações pobres dos espaços centrais da cidade. Esse processo contribuiu para a naturalização das desigualdades sociais e para a perpetuação de narrativas que desconsideram os fatores estruturais responsáveis pela formação das favelas.

Dessa forma, conclui-se que a análise crítica das representações midiáticas é fundamental para compreender a construção histórica do imaginário social sobre a favela. Ao evidenciar o papel da imprensa na produção desses discursos, a pesquisa contribui para o debate sobre mídia, poder e exclusão social, ressaltando a importância de abordagens mais responsáveis e contextualizadas na representação desses territórios e de seus habitantes. Nesse contexto, torna-se fundamental destacar o papel dos professores e da educação na formação de sujeitos críticos, capazes de questionar e problematizar tais representações.

A reprodução constante de narrativas midiáticas que associam a favela à criminalidade contribui para a consolidação de preconceitos e para a naturalização da desigualdade social. Nesse sentido, a escola se configura como um espaço privilegiado de mediação do conhecimento, no qual os professores desempenham função essencial ao promover a leitura crítica da mídia e ao incentivar a reflexão sobre os processos históricos, sociais e políticos que envolvem a formação das favelas.

Palavras-chaves: Favelas, Imaginário, Estigmatização, Mídia.

Referências bibliográficas:

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VAZ, Lilian Fessler. Dos Cortiços às Favelas e aos Edifícios de Apartamentos - A Modernização da Moradia no Rio de Janeiro. Análise Social, Lisboa, v. 3, n. 127, p. 581-598, 1994.

Mattos, Romulo Costa. “Aldeias do mal”, in Revista de História da Biblioteca Nacional, n° 25, outubro de 2007.